



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

FRANZ BRENTANO E A DISTINÇÃO ENTRE FENÔMENOS FÍSICOS E FENÔMENOS PSÍQUICOS¹

JESUINO JUNIOR PIRES²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo investigar a distinção entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos tal como concebida por Franz Brentano em sua obra *Psicologia do ponto de vista empírico*. O ponto central de discussão é a caracterização dos fenômenos psíquicos a partir da teoria da in-existência intencional do objeto e a teoria da intencionalidade brentaniana. A primeira parte do texto trata sobre a tentativa de Brentano em estabelecer a psicologia como uma ciência sob as influências do empirismo britânico e do positivismo. A segunda parte do texto busca compreender a distinção entre os dois tipos de fenômenos psíquicos e físicos, que fornece, por sua vez, de modo preciso o método e o objeto de estudo da psicologia. As últimas partes do artigo tratam da teoria da intencionalidade como referência a um objeto e sobre a importância dessa teoria para a escola de Brentano. A afirmação de que a todo fenômeno psíquico há algo dado como objeto imanente foi alvo de críticas por parte dos principais discípulos de Brentano.

Palavras-chave: Intencionalidade. Psicologia. In-existência intencional.

1. Este texto é parte de minha dissertação de mestrado defendida no ano de 2014, com pequenas mudanças na redação do texto. Esta pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES).

2. Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: filosofop2003@gmail.com

FRANZ BRENTANO AND THE DISTINCTION BETWEEN PHYSICAL PHENOMENA AND PSYCHIC PHENOMENA

Abstract: This article aims to investigate the distinction between physical phenomena and psychic phenomena as conceived by Franz Brentano in his work *Psychology from the empirical point of view*. The central point of discussion deals with the characterization of psychic phenomena from the intentional *in-existence* and the intentionality theory brentanian. The first part of the text talks about Brentano's attempt to establish psychology as a science under the influence of British empiricism and positivism. The second part of the text seeks to understand the distinction between the two types of psychic and physical phenomena, which in turn provides precisely the method and object of study of psychology. The last part of the article deals with the theory of intentionality as a reference to an object and about the importance of this theory for the Brentano school. The claim that every psychic phenomenon is something given as an immanent object has been criticized by Brentano's leading disciples.

Keywords: Intentionality. Psychology. Intentional *in-existence*.

1 A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA EM **PSICOLOGIA DO PONTO DE VISTA EMPÍRICO**³

No início do Livro I de *Psicologia do ponto de vista empírico* (PES), Brentano expressa que alguns fenômenos têm se tornado seu objeto de estudo e que seu objetivo é estabelecer suas características e leis. Trata-se dos fenômenos relacionados à psicologia (cf. PES, I, p. 5).

A psicologia vinha sendo desenvolvida desde as reflexões de Aristóteles sobre a alma, mas, no período em que Brentano escreveu sua obra PES, ainda não tinha se firmado como uma ciência, tal como as demais, sendo que seu objeto de estudo e sua metodologia não eram unanimidade entre os pensadores

3. Abordaremos neste texto alguns pontos da distinção entre fenômenos físicos e psíquicos tal como apresentados por Brentano em sua obra *Psicologia do ponto de vista empírico* (PES). Trata-se de uma apresentação geral sobre essa teoria de tão suma importância para o pensamento de Brentano. Dessa forma, delimitamos como nosso objeto de estudo a distinção entre fenômenos psíquicos e fenômenos físicos e os assuntos correlacionados a essa temática. Por esse mesmo motivo, muitas teses importantes desenvolvidas por Brentano não serão aqui abordadas devido a essa delimitação.

(MONTICELLI, 2005, p. 15)⁴. Além disto, outra dificuldade apontada por Brentano diz respeito aos limites e fronteiras entre as ciências, que a seu ver ainda não tinham sido estabelecidos de maneira clara e exata (cf. PES, I p. 7), principalmente entre ciências que possuem certa proximidade, como fisiologia, psicologia e psicofísica⁵. Podemos destacar dois fatores que contribuem para isto: por um lado, o surgimento de ciências que tratavam das mesmas questões que a psicologia – como é o caso das duas citadas anteriormente; por outro, o distanciamento da psicologia em relação à filosofia, pois, até então, a forma com que a psicologia abordava suas questões, desde Aristóteles, era conceitual.

Esses dois fatores são resultantes, na verdade, de uma falta de precisão do objeto e do método de estudo da psicologia. Parece haver uma mistura entre psicologia e psicofísica ou, pelo menos, uma confusão tanto em relação ao objeto como ao método de estudo dessas ciências. Torna-se necessário, assim, instituí-los de maneira precisa e clara, para que a psicologia também se estabeleça como uma ciência. É esta questão que Brentano se propõe a abordar.

1.1 AS INFLUÊNCIAS DO EMPIRISMO E DO POSITIVISMO

Quando se fala em psicologia como ciência, a pergunta que se faz logo em seguida é: qual ciência ou que modelo de ciência Brentano tem em mente? A resposta a esta pergunta remete a uma influência decisiva do positivismo de Augusto Comte (1798-1857), aliado ao empirismo britânico.

Quando Brentano escreveu PES, as ciências naturais encontravam-se no auge de seu desenvolvimento, e os grandes sistemas filosófico-especulativos estavam em crise, principalmente a metafísica, que perdia toda a credibilidade no meio científico-filosófico⁶. O ideal de ciência seria alcançado a partir do método da observação e, somado a isto, o verdadeiro conhecimento deveria ser estabelecido sobre bases empíricas. Sendo assim, toda e qualquer ciência que almejasse possuir alguma credibilidade deveria espelhar-se no método das ciências naturais.

4. Por isso, o que Brentano vai tentar fazer é fundar a psicologia como uma ciência empírica autônoma (cf. PORTA, 2007, p. 273).

5. “As disputas de fronteiras entre as ciências naturais e as ciências psíquicas são inevitáveis. Os fatos que o fisiólogo investiga e aqueles de que se ocupa o psicólogo estão muito intimamente correlacionados, apesar de sua grande diferença de caráter.” (PES, I, p. 9) As nossas traduções de trechos de PES são baseadas nas versões: espanhola (*Psicologia desde un punto de vista empírico*, traduzida por José Gaos e Hernán Scholte) e inglesa (*Psychology from an empirical standpoint*, traduzida por A. C. Rancurrello, D. B. Terrel e Linda L. McAlister).

6. De acordo com De Boer, Brentano “cresceu em um tempo em que a crise dos clássicos sistemas idealistas alemães tornava-se cada vez mais aguda. (...) Brentano chamou a especulação de Hegel ‘a última degeneração do pensamento humano’. (...) Assim, a situação na filosofia é caracterizada por dois fatos: o colapso da filosofia idealista e o sucesso das ciências naturais” (1978, pp. 101-2). Outra informação importante é o fato de Brentano ter estudado com Adolf Trendelenburg, um autor importante e de muita influência, principalmente nesta virada anti-Hegel (cf. PORTA, 2014, p. 9).

Diante desse contexto, o método da psicologia deveria atender, assim, à exigência de se basear na experiência. O próprio título da obra, *Psicologia do ponto de vista empírico*, expressa bem isto. Brentano anuncia esse anseio no prefácio da edição de 1874, dizendo que o seu ponto de vista é empírico, que a experiência, por si só, é sua mestra⁷.

O auge das ciências naturais, mencionado acima, se deu principalmente sob a influência do positivismo comtiano. Em um trecho no início de PES Brentano afirma: “pode-se dizer o mesmo em respeito à psicologia. Os fenômenos revelados pela percepção interna também estão sujeitos a leis” (I, p. 17). Não somente tais fenômenos estão submetidos a leis, mas também podem ser percebidos por meio da percepção interna, que era contestada por Auguste Comte. De acordo com Brentano, o positivista francês negava que fosse possível a percepção interna, porque, assim como outros, ele não fazia a distinção entre percepção interna (*innere Wahrnehmung*) e observação interna (*innere Beobachtung*) (PES, I, pp. 40-1). Esta última realmente não seria possível sobre os fenômenos psíquicos, mas a primeira, sim.

Percepção interna de nossos próprios fenômenos psíquicos, então, é a fonte primária das experiências essenciais para as investigações psicológicas. E essa percepção interna não deve ser confundida com a observação interna dos nossos estados mentais, uma vez que qualquer coisa desse tipo é impossível. (PES, I, p. 1)

Brentano também concorda com Comte na questão de que há uma hierarquia entre as ciências de acordo com seu nível de complexidade, e que o desenvolvimento das ciências mais complexas é dependente do das ciências precedentes e menos complexas. A matemática lida com fenômenos dos mais simples e independentes, enquanto a psicologia trata de fenômenos mais complexos e dependentes. As duas ciências estão nas extremidades, na ordem de complexidade (cf. PES, I, p. 39). Isto justificaria, inclusive, o fato de a psicologia não ter apresentado até naquele momento (século XIX) nenhum progresso, pois ela dependeria do desenvolvimento das demais ciências, o qual foi acontecendo gradativamente ao longo dos séculos. A primeira na ordem deste desenvolvimento é a matemática, seguida da física, que só pode progredir a partir da primeira; depois vem a química, a fisiologia, e em último lugar nesta escala de complexidade e desenvolvimento está a psicologia (cf. PES, I, pp. 32-6)⁸.

7. Apenas para observar de passagem, Brentano mesmo afirma que nem por isso ele deixa de compartilhar outras concepções tidas como incompatíveis com este ponto de vista (empirista).

8. “É fácil explicar por que a fisiologia se desenvolveu tão tardiamente. Os fenômenos que estudava são muito mais complexos que aqueles estudados pelas ciências mais antigas e depende delas, assim como os fenômenos da química dependem da física e os fenômenos da física dependem da matemática. É fácil entender, então, por que a psicologia não tem dado frutos mais abundantes até agora. Assim, como os fenômenos físicos estão sob a influência das leis matemáticas, os fenômenos químicos estão sob a influência das leis físicas, e aqueles da fisiologia sob a influência de todas essas

De qualquer forma, de acordo com Smith (1994, p. 41), Brentano herdou de Comte o ponto de vista metodológico, no qual a ciência preocupa-se exclusivamente com os “fenômenos” e não com realidades metafísicas. Hickerson, afirma que Brentano foi um positivista comtiano, pois “ele tratou fenômenos como objetos de investigação das ciências positivas” (2007, p. 39). O fato é que o estabelecimento do método da psicologia deve responder às exigências impostas pelas ciências naturais, principalmente sob a perspectiva positivista comtiana.

Antes de entrarmos na questão do método da psicologia propriamente dito, vejamos qual é o seu objeto de estudo.

1.2 O CONCEITO DE FENÔMENO

No § 2 do primeiro capítulo de PES (I, p. 13) Brentano define a psicologia como a ciência dos fenômenos psíquicos e, de maneira similar, as ciências naturais são abordadas como as ciências dos fenômenos físicos. Esta é uma nova determinação dos objetos de estudo das ciências em geral, principalmente sob a influência do positivismo, pois, antes, a psicologia era definida como a ciência da alma, e as ciências naturais, como a ciência dos corpos. Passando-se, assim, a tratar o objeto de estudo das ciências como fenômenos, resta, portanto, precisar o que se entende por *fenômeno*.

Para uma visão ordinária, a palavra fenômeno pode referir-se a fatos ou acontecimentos, ou mesmo eventos naturais que ocorrem no mundo, independentemente do indivíduo ou do observador. Não é este, porém, o uso do conceito por Brentano, mas, ao contrário, a palavra “fenômeno” é utilizada por ele como sinônimo de “aparência”. “As palavras ‘fenômeno’ ou ‘aparência’ são frequentemente usadas em oposição a ‘coisas que existem real e verdadeiramente’” (PES, I, p. 13)⁹. São exemplos de fenômenos objetos de nossos sentidos, como são revelados pela sensação, tais como: cor, som, calor, sabor etc. Para Brentano eles não existem real e verdadeiramente fora das nossas sensações¹⁰, mas podem apontar

leis, então, os fenômenos psicológicos estão influenciados por leis que governam as forças que os órgãos corporais produzem e modificam.” (PES, I pp. 33-4)

9. O termo “fenômeno” foi utilizado, ao longo da história da filosofia, desde os antigos, mas se tornou significativo a partir de Kant, que sintetizou a teoria do conhecimento humano, dividindo o que pode ser conhecido pela razão pura (isto é, conhecimento *a priori*) e o que não pode ser conhecido. Assim, Kant utiliza “fenômeno” em oposição a “coisa em si”, sendo que o fenômeno é o que pode ser conhecido pela razão pura ou, colocando de outra forma, só é possível conhecimento *a priori* dos fenômenos, e não das “coisas em si”. No caso de Brentano, fenômenos não estão necessariamente em oposição às “coisas em si”. Para mais detalhes sobre a diferença entre Brentano e Kant no que diz respeito ao conceito de fenômeno, conferir Monticelli (2005, pp. 18-25).

10. Brentano (PES, I, p. 13) cita uma experimentação que, segundo ele, John Locke teria realizado, esquentando uma das mãos e resfriando a outra, depois submergindo as duas mãos simultaneamente em uma vasilha de água; o resultado foi que ele sentiu calor em uma mão e frio na outra, demonstrando, assim, que nem o calor nem o frio existem realmente na água.

para os objetos que existem. Os fenômenos existem, tal como eles nos aparecem¹¹. “Em si, o que é real nunca aparece, e o que aparece nunca é real.” (PES, I, p. 28)

Se fenômeno é aquilo que aparece, resta saber, então, o que aparece e de que forma, sendo que, no primeiro caso, trata-se dos fenômenos psíquicos e dos fenômenos físicos, e no segundo caso da percepção interna e externa. Assim, o objeto de estudo da psicologia são os fenômenos psíquicos, ao passo que os fenômenos físicos são objetos de estudo das ciências naturais.

2 A DIFERENÇA ENTRE FENÔMENOS PSÍQUICOS E FENÔMENOS FÍSICOS

Em uma passagem de PES (cf. I, cap. 1, pp. 109-40) *Acerca da diferença entre fenômeno psíquico e fenômeno físico*, Brentano apresenta uma distinção sobre o completo mundo de nossas aparições. Trata-se de duas classes de fenômenos: os físicos e os psíquicos. Como vimos, se a psicologia é definida como a ciência dos fenômenos psíquicos, resta, então, buscar uma definição mais precisa e exata sobre os referidos fenômenos, e para isto deve-se começar diferenciando estes dois tipos.

Brentano não parte de definições lógicas, mas, sim, de exemplos e contraposições de ambos os tipos de fenômenos, os físicos e os psíquicos.

Os fenômenos psíquicos podem ser oferecidos por toda representação (*Vorstellung*) mediante sensação (*Empfindung*) ou fantasia (*Phantasie*). Por representação Brentano entende aqui não o que é representado, mas sim o ato de representar. Assim, são exemplos de fenômenos psíquicos: o ouvir um som, a visão de um objeto, a sensação de calor e frio; assim como também o pensamento de um conceito geral, juízo, lembrança, expectativa etc.; além destes, estão incluídas neste termo também todas as emoções: alegria, tristeza, medo, esperança, valor, covardia, cólera, amor etc. (PES, I, pp. 111-2).

Já os fenômenos físicos, ao contrário, podem ser oferecidos pelos seguintes exemplos: “uma cor, uma figura, uma paisagem que vejo, um acorde que ouço, o calor, o frio, o odor que sinto e as coisas semelhantes que me aparecem na fantasia” (PES, I, p. 112)¹².

11. “Não estamos autorizados, por conseguinte, a crer que os denominados objetos da percepção externa realmente existem como eles nos aparecem. De fato, não se pode demonstrar que existem fora de nós. Em contraste com o que existe real e verdadeiramente, não são mais que fenômenos.” (PES, I, p. 14)

12. A expressão “fenômeno físico” pode parecer equívoca se não se explicita os pressupostos teóricos que Brentano estabelece ao falar sobre o assunto. Um desses equívocos pode ser evitado se consideramos que Brentano está aqui falando de formas de fenômenos (tal como foi dito anteriormente), portanto, formas de aparências. Assim, falar de fenômeno físico não é falar de objetos

Brentano, em PES, estabelece seis determinações dos fenômenos psíquicos que os diferenciam dos fenômenos físicos. São elas:

1) os fenômenos psíquicos são representações (*Vorstellungen*) ou têm por base representações. “Este ato de representar forma o fundamento não do julgar, meramente, senão também do desejar e de qualquer outro ato psíquico. Nada pode ser julgado, tampouco desejado, esperado ou temido, se não é representado.” (PES, I, § 3, p. 112) Todos os fenômenos psíquicos estão fundados “em” ou são representações;

2) os fenômenos psíquicos não têm extensão ou localização espacial (§ 4). Brentano define inicialmente, nesta determinação, os fenômenos psíquicos em um sentido negativo, ou seja, como carência de extensão e localização. Todos os fenômenos físicos, citados anteriormente, têm extensão e determinação local. Ao contrário, os fenômenos psíquicos – tais como: pensar, querer etc. – aparecem desprovidos de extensão e situação no espaço (PES, I, pp. 120-1). Brentano considera, porém, que este caráter negativo atribuído aos fenômenos psíquicos é insuficiente para defini-los: é preciso uma definição mais ampla e positiva;

3) os fenômenos psíquicos estão relacionados a um objeto ou têm em si um objeto (ou objetividade) imanente (“*Objekt immanente... oder die immanente Gegenständlichkeit*”) (§ 5). Este é um caráter positivo destes e é, na verdade, a determinação mais importante e precisa, como veremos mais à frente;

4) os fenômenos psíquicos são percebidos apenas por meio da consciência interna (*innerem Bewußtsein*) (§ 6);

5) os fenômenos psíquicos são os únicos que possuem uma existência real (*wirkliche Existenz*), e não apenas fenomênica e intencional (§ 7). Como eles são oriundos da percepção adequada (*innere Wahrnehmung*), possuem existência real, ao passo que os fenômenos físicos só possuem existência intencional;

físicos (como pode ser observado logo abaixo na p. 12), mas daquilo mesmo que pode ser apreendido pela percepção externa e que de alguma forma (intencional imanente) se encontra no sujeito que apreende. Poderíamos objetar que a expressão “fenômeno físico” é dessa maneira imprecisa, exatamente por conta do termo “físico”, entretanto, se entendemos que Brentano está utilizando esse conceito como um contraponto ao fenômeno psíquico que é apreendido pela percepção interna, ou seja, uma “consciência” que acompanha a apreensão do fenômeno físico, podemos compreender perfeitamente o real significado do termo para Brentano. Em uma paisagem que vejo, há a paisagem mesma como um objeto imanente intencional (fenômeno físico) e um ato de “consciência” ou “co-consciência” que acompanha o perceber essa paisagem (fenômeno psíquico). No entanto, se usamos como exemplo uma representação da fantasia (quando eu não vejo, mas imagino uma paisagem) essa expressão não se torna tão evidente como no primeiro caso. Neste também de acordo com Brentano há um objeto imanente intencional, a paisagem imaginada – fenômeno físico, e o ato de imaginar em si mesmo como fenômeno psíquico.

6) os fenômenos psíquicos são sucessivos e não simultâneos (§ 8), aparecem um de cada vez, enquanto os fenômenos físicos aparecem simultaneamente, vários de uma vez.

Para uma exata compreensão das características dos fenômenos psíquicos, é necessário o aprofundamento da terceira determinação. Mas, se há uma diferença essencial entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos, há também uma dessemelhança no modo como eles aparecem ou se manifestam. A diferença entre a psicologia e as demais ciências reside em que não somente a primeira possui um objeto (fenômeno psíquico) específico e distinto do objeto das ciências (fenômenos físicos), mas também no fato de que o modo de manifestação destes fenômenos é díspar. Vejamo-lo com mais detalhes.

2.1 PERCEPÇÃO INTERNA E PERCEPÇÃO EXTERNA

A quarta determinação apresentada por Brentano diz que os fenômenos de estudo da psicologia são fornecidos pela percepção interna. Precisamos, entretanto, esclarecer melhor a forma como os objetos de estudo (tanto das ciências da natureza quanto da psicologia, especificamente) são apreendidos. Brentano diferencia dois tipos de percepção: a interna e a externa.

A percepção interna (*innere Wahrnehmung*) possui evidência imediata e é infalível (PES, I, p. 128). Neste sentido, é percepção verdadeira ou percepção no verdadeiro sentido da palavra¹³, pois seus objetos, os fenômenos psíquicos, existem real e verdadeiramente, são, em realidade, tal como aparecem – são, em outras palavras, evidentes. A percepção externa (*äußere Wahrnehmung*) é falsa percepção, pois seus objetos não existem real e verdadeiramente, mas somente fenomenal e intencionalmente. De acordo com De Boer (1978, p. 35), Brentano conclui que o perceber da percepção externa “não é uma ‘Wahrnehmung’ (que significa, literalmente, tomado como verdade), mas uma ‘Falsch-nehmung’ (tomado como falso)”. Os fenômenos físicos são percebidos, portanto, na percepção externa, e eles não existem na realidade fora de nós. Eles possuem, assim, uma existência intencional e, por isso mesmo, percepção externa é uma *Falschnehmung* (PES, I, pp. 128-9).

13. É imprescindível fazermos algumas observações sobre os termos utilizados por Brentano, cujas sutilezas nem sempre é possível perceber nas diversas traduções utilizadas neste texto. Em alguns trechos de PES ele utiliza as expressões *äußere Erfahrung* e *innere Erfahrung* indicando percepção externa e interna como método das ciências e da psicologia, respectivamente (cf. PES, I, p. 8), já em outros trechos ele utiliza as expressões *äußere Wahrnehmung* e *innere Wahrnehmung* também indicando percepção externa e interna; utiliza, ainda, a expressão *inneren Bewußtsein* (consciência interna) às vezes como sinônimo de *innere Wahrnehmung* (cf. PES, I, p. 8). O que é importante ressaltar é que o termo “consciência” não deve ser entendido no sentido moderno cartesiano, mas como sinônimo de fenômeno psíquico. Cf. Monticelli (2005, pp. 32; 33).

Disto, segue-se que, se em toda representação algo é dado como objeto, ou seja, em toda representação algo é representado, temos, assim, uma direção do ato a “dois objetos” diferentes¹⁴. Temos o objeto primário do ato, que é o fenômeno físico, e o objeto secundário do ato, que é o próprio fenômeno psíquico. A partir do exemplo de Brentano podemos entender melhor esta questão: “Podemos dizer que o som é o *objeto primário* do ato de ouvir, e que o ato de ouvir em si mesmo é o *objeto secundário*. Temporalmente ambos são simultâneos, mas, na natureza do caso, o som é anterior” (PES, I, p. 180). O objeto primário (também chamado de objeto externo) é fornecido pela percepção externa e, no momento em que este objeto externo é percebido, outro objeto – secundário – é fornecido pela percepção interna, que é o ato em si mesmo. No exemplo de Brentano, o ato de ouvir é o objeto secundário: na medida em que ouvimos um som (objeto primário), temos também a percepção deste ato de ouvir. A “consciência” do ato é, então, uma *inneren Bewußtsein* (consciência interna) e acontece simultaneamente quando percebemos um objeto externo¹⁵, é, portanto, uma percepção adicional. A percepção interna não é observacional, mas é uma consciência adicional (*Bewusstsein nebenbei*) (cf. DE BOER, 1978, p. 36). Os fenômenos psíquicos não são passíveis de observação, porque não podem ser tomados como objetos, tal como os fenômenos físicos, mas, por outro lado, podem ser percebidos.

Este é um ponto importante, pois essa consciência adicional, fazendo jus ao próprio termo “adicional”, acompanha a percepção externa: ela ocorre simultaneamente, como visto. Isto significa que o ato não se divide em dois, propriamente falando, mas que a percepção do ato é um aspecto do ato em si mesmo. Do contrário, não poderíamos fundamentar o conhecimento, pois cairíamos em um círculo vicioso, na medida em que a consciência de um ato remeteria à consciência de outro ato, em uma regressão infinita. Assim, a percepção interna (*inneren Bewußtsein*) não precisa de provas adicionais, pois toda a prova a pressupõe, ela é evidente. De Boer expressa isto quando diz que: “A evidência interna da percepção interna não precisa de provas, simplesmente porque esta é evidente. É a última fundação de nosso conhecimento” (1978, pp. 36-7).

Com isto, compreendemos porque Brentano considera a psicologia a mais importante das ciências, pois ela é a fundamentação de todo o conhecimento. Se, por um lado, os fenômenos da psicologia não podem ser observados (*innere Beobachtung*), por outro, eles podem ser percebidos por meio da *innere Wahrnehmung*

14. Note-se que a palavra “objeto” aqui está sendo usada em um sentido bem específico para o caso em questão, como um correspondente da percepção externa e interna. Isto é importante porque o ato não pode ser tomado como um objeto propriamente dito.

15. “No mesmo fenômeno psíquico no qual o som está presente à nossa mente nós, simultaneamente, apreendemos o fenômeno psíquico em si mesmo. Além do mais, nós o apreendemos em concordância com sua natureza dual, na medida em que ele tem o som como conteúdo, e na medida em que ele tem a si mesmo como conteúdo, ao mesmo tempo.” (PES, I, pp. 179-80)

(ou *inneren Bewußtsein*), e esta percepção é imediatamente evidente. É por esta razão que a psicologia está em vantagem com relação às demais ciências.

Para concluirmos este ponto, citaremos na íntegra o trecho em que Brentano expressa tal raciocínio em PES, mostrando, assim, a posição da psicologia perante as demais ciências.

O caso dos fenômenos da percepção interna é diferente. São verdadeiros em si mesmos. São em realidade tal como aparecem, temos garantida a evidência com a qual eles são percebidos. Quem poderia negar, então, que isto constitui uma grande vantagem da psicologia sobre as ciências naturais?

O alto valor teórico do conhecimento psicológico é evidente de outro ponto de vista. A dignidade de uma ciência não só aumenta segundo a maneira pela qual é conhecida, senão também pela dignidade de seu objeto. E os fenômenos cujas leis a psicologia investiga não se distinguem dos fenômenos físicos porque são verdadeiros e reais em si mesmos, senão também porque são incomparavelmente mais humanos e sublimes. O calor e o som, a extensão e o movimento se opõem a sensação e imaginação, juízo e vontade, com toda a grandeza que lhes confere o grande pensador e a dedicação do homem virtuoso. Desta maneira, temos revelado, de uma nova forma, como a tarefa do psicólogo é mais valiosa do que a do físico. (PES, I, pp. 28-9)

Ao caracterizar os *fenômenos psíquicos* frente aos *fenômenos físicos*, Brentano apresentou algumas ambiguidades que foram motivo de polêmica por parte de seus seguidores. Foi a partir das questões surgidas desta distinção que muitos filósofos desenvolveram posteriormente tanto críticas como revisões e reformulações das suas teorias.

O que nos interessa, nesse momento, é a afirmação de Brentano de que os fenômenos psíquicos se relacionam a um objeto ou possuem um objeto imanente (PES, § 5). Esta tese foi retomada por vários de seus discípulos, entre os quais Höfler, Twardowski, Husserl e outros.

2.2 A TEORIA DA IN-EXISTÊNCIA¹⁶ (INEXISTENZ) INTENCIONAL DO OBJETO

A terceira determinação oferecida por Brentano reza que todos os fenômenos psíquicos estão relacionados a um objeto ou possuem um objeto imanente. De acordo com ele, esta é a principal característica dos fenômenos psíquicos frente aos físicos.

16. Traduzimos o termo *Inexistenz* por “in-existência”, como fazem as versões inglesa e espanhola. Observa-se que o prefixo “in” não indica, aqui, negação, e sim existência “em” ou “na”. Teixeira (2003, p. 44) prefere utilizar a expressão “intra-mental”; Monticelli (2005, p. 43), por sua vez, traduz este termo por “intra-existência”. Optamos por manter o termo utilizado pelo próprio Brentano (*Inexistenz*: de origem latina), deixando claro tal sentido; mesmo que a palavra “inexistência” seja comumente utilizada na língua portuguesa como não-existência, acreditamos poder conservar o sentido de tal termo alemão.

Se olharmos uma pouco mais aprofundadamente esta questão, poderemos perceber quais foram as ambiguidades e controvérsias ressaltadas pelos seus alunos.

Reproduziremos, em seguida, o trecho da obra de Brentano em que ficam evidentes tais questões:

Todo fenômeno psíquico está caracterizado pelo que os escolásticos da Idade Média chamaram de inexistência intencional (ou mental) de um objeto, e que nós chamaríamos, embora com expressões não inteiramente inequívocas, a referência a um conteúdo, a direção a um objeto (pelo qual não entendo aqui uma realidade), ou a objetividade¹⁷ imanente. Todo fenômeno psíquico contém em si algo como um objeto, embora nem todos do mesmo modo. Na representação há algo representado; no juízo há algo reconhecido ou recusado; no amor, amado; no ódio, odiado; no desejo, desejado etc. (PES, I, §5, pp. 124-5)

Esta passagem de PES foi amplamente citada e discutida entre os principais alunos e filósofos próximos a Brentano. A principal polêmica gira em torno da afirmação, por parte do mestre, de que o fenômeno psíquico possui um objeto imanente. Entretanto, devemos sistematizar as informações e conceitos expressos neste trecho.

Brentano utiliza como sinônimos expressões que, como faz De Boer, podemos dividir em dois grupos¹⁸: 1) “inexistência intencional”, “inexistência mental” e “objetividade (ou objetividade) imanente”; 2) “direção para um objeto” e “relação para um conteúdo” (1978, p. 6). O primeiro grupo refere-se ao fato de que o fenômeno psíquico possui um conteúdo (imanente, intencional ou mental), ao passo que o segundo refere-se ao direcionamento para um conteúdo. Assim, De Boer (1978, p. 6) alerta para o fato de que estes dois grupos de expressões apontam para dois aspectos que são apresentados por Brentano na mesma definição de fenômenos psíquicos, mas que pertencem a territórios diferentes e, portanto, devem ser cuidadosamente distinguidos¹⁹.

O primeiro aspecto, a saber: intencional como característica do objeto, como conteúdo de consciência, Brentano o resgatou dos escolásticos, como ele mesmo diz expressamente em uma nota de rodapé de PES (I, p. 125). O termo intencional diz respeito a uma característica do conteúdo de consciência que é “imanente” e opõe-se ao real. Brentano prefere usar a palavra intencional ou

17. Preferimos usar a palavra “objetividade”, como faz Dario Teixeira (2003), e não objetividade, como na tradução espanhola, tendo em vista que esta parece se aproximar mais da palavra correspondente em alemão *Gegenständlichkeit*.

18. Sobre este assunto, conferir também: Spiegelberg (1965, p. 40) e Dario Teixeira (2014, pp. 121-178).

19. “A imanência do objeto e a direção da consciência para o objeto são coisas inteiramente diferentes. Isto é evidente pelo fato de que Brentano foi, por último, capaz de abandonar a doutrina do objeto imanente enquanto continuou a manter a ‘direção para um objeto’ como distinção característica de todos os fenômenos psíquicos.” (DE BOER, 1978, p. 6)

imaneente em vez de objetivo, como fazem os escolásticos, para evitar o equívoco de pensar que se trata de existência transcendente ao ato de representação. Nas palavras de Brentano, os escolásticos

usam também a expressão “ser objetivamente (*objektalment*e) em algo”, a qual, se usada atualmente, poderia ser tomada, ao contrário, como designação de uma existência real fora do espírito. Porém, se usa ocasionalmente a expressão “ser objetivo em sentido imaneente”, no mesmo sentido, e, neste caso, “imaneente” impede manifestadamente o temido equívoco (PES, I, p. 124).

De qualquer forma, intencional ou imaneente (ou objetivo) referem-se a uma característica do objeto do fenômeno psíquico que deve ser distinguida do objeto real fora do espírito. Para a filosofia moderna, “ser objetivo” significa o ser existindo fora da mente, que se contrapõe às meras aparências subjetivas, ao passo que, para os escolásticos, “ser objetivo” significa, ao contrário, o ser na consciência que a imagem cognitiva possui (cf. DE BOER, 1978, p. 7). Devido exatamente a estes equívocos sobre a expressão “ser objetivo” é que Brentano prefere utilizar a palavra “imaneente”, que causará outros equívocos, aos olhos dos seus primeiros leitores.

Essa forma de interpretar o uso do termo “intencional” em Brentano é propícia, se consideramos o fato de que o tema da intencionalidade foi utilizado pela filosofia moderna indicando *direção para um objeto*. Assim, dizer que “intencional” não possui somente este significado, mas também e antes de tudo diz respeito a uma característica do conteúdo de consciência, não deixa de ser algo importante para uma correta interpretação de Brentano.

Existe, ainda, outro dado importante sobre esse primeiro grupo de expressões sinônimas indispensável para uma justa interpretação do texto brentaniano. Que Brentano sofreu influência do Escolasticismo para esta caracterização do fenômeno psíquico é algo que é dito pelos principais intérpretes do autor. Entretanto, um ponto importante sobre o assunto em questão tem sido passado por alto por estes intérpretes. Trata-se da influência decisiva que Aristóteles exerceu sobre a forma como Brentano sistematizou seus conceitos, especialmente sobre o tema da intencionalidade. Porta (cf. 2002) é quem, principalmente, tem alertado sobre isto, de forma bem esclarecedora.

A questão que devemos levantar neste momento é: o que significa dizer que o objeto intencional é imaneente ao ato de representação (sendo que Brentano mesmo utiliza “imaneente” como sinônimo de intencional)?

Uma forma de respondermos a esta questão é dizer que o objeto intencional está contido no ato psíquico de forma real. Nos dizeres de Jacquette, Brentano “parece sugerir que os objetos intencionados do pensamento estão atualmente contidos em, são pertencentes aos atos psicológicos pelos quais eles são intencionados” (2004a,

p. 101). Muitos responderam a esta questão e interpretaram este termo (imane) desta forma, entretanto, uma análise mais precisa sobre o pano de fundo aristotélico brentiano mostra que esta interpretação parece ser equivocada²⁰.

Outra forma de responder a essa pergunta e esclarecer a utilização que Brentano faz dos termos intencional e imane é pensá-los a partir da teoria de Aristóteles, retomada por ele, sobre a equivocidade do ser. Porta (2002) propõe uma leitura de Brentano (pelo menos no que diz respeito a PES) a partir da tese aristotélica do ser. Assim, a noção de objeto intencional em PES deve ser pensada a partir desta perspectiva²¹.

Para entendermos o *status* da imanência do objeto intencional, é necessário, tomarmos em conta que Brentano concebe o conceito de imanência em um sentido próprio, justamente devido à tese da equivocidade do ser. Porta (2002, p. 102) adverte que, quando falamos em imanência, pensamo-la sempre imediatamente em oposição a transcendência, ou seja, se algo é real na consciência, segue-se que não seja real fora dela, e também o inverso, se algo é real fora da consciência significa que não é real nela. Pensando dessa forma, Brentano seria incompreensível e contraditório, pois diz que o objeto intencional é imane e, ao mesmo tempo, não real e, se não real, portanto, transcendente. Mas as coisas não são bem assim: “o fato de que o objeto intencional, enquanto imane, não seja real ‘fora’ da consciência, não quer dizer que, então, ele seja real ‘na’ consciência” (2002, p. 102).

Dizer que o objeto intencional não “é” (existe) na consciência e ao mesmo tempo dizer que ele “é” (existe) nela parece contraditório, porém não o é se consideramos o fato de que esse seu ser na consciência não é outra coisa senão seu não ser real. A imanência do objeto intencional pensado a partir da tese da equivocidade do ser se torna compreensível agora, pois “o objeto intencional não ‘é real’ na consciência, porém ‘é’ nela e, em consequência, neste sentido, é imane” (2002, p. 102). A partir disto, a expressão “in-existência” toma ainda o seguinte sentido: “‘existe-em’ (*Inexistenz*), o ‘em’ não indica propriamente um lugar, senão uma forma de existência” (PORTA, 2002, p. 104, grifo do autor). Assim, poderíamos dizer que o estatuto do objeto intencional de Brentano é que ele não é real na consciência e tampouco fora dela, mas ele existe de alguma forma nela²². Observemos um exemplo,

20. Não pode ser negligenciado, por outro lado, o fato de que praticamente todos os discípulos de Brentano acharam duvidosa a expressão “objeto imane”, sendo que isto poderia causar equívocos. É basicamente neste ponto que Twardowski desenvolverá sua “crítica” a Brentano. Não é nosso propósito aqui aprofundar esta questão, que por si só já demandaria um trabalho à parte, mas apenas mostrar que há diferentes interpretações sobre este assunto.

21. A principal questão que se coloca sobre esta tese é que: “ser” é diferente de “ser real”, assim, nem tudo o que “é” é real, ou há coisas existentes que, no entanto, não são reais (PORTA, 2002, p. 102).

22. Cabe ressaltar que esta tese será abandonada por Brentano em seus escritos posteriores, principalmente em *Psicologia descritiva*, evidenciando, assim, também um distanciamento de Aristóteles (cf. PORTA, 2002).

a fim de explicitar melhor o que estamos dizendo: consideremos o ato de ver uma árvore. O ato de ver (a árvore, no caso) é o fenômeno psíquico, e a árvore vista é o fenômeno físico. A árvore vista é um correlato do ato de ver, e por isso mesmo não pertence a este ato de maneira real, ou seja, não “é real” na consciência, mas “é” nela, e neste sentido é imanente. Mas a árvore vista tampouco possui existência real (*wirkliche Existenz*) fora da consciência, pois a conhecemos apenas como árvore representada. Os fenômenos físicos possuem apenas existência intencional (PES, I, p. 132). Consideremos outra situação: por um instante fechamos os olhos e imaginamos a árvore que havíamos visto anteriormente. Pois bem, o fenômeno psíquico é agora não mais o ato de ver a árvore, mas, sim, o ato de imaginá-la, e o fenômeno físico, por sua vez, não mais a árvore vista, mas sim a árvore imaginada ou a imagem da árvore²³. Quando dizemos que o objeto imanente ou intencional não é real na consciência, significa que ele não pertence ao ato de representação, mas sim que ele é correlato de um fenômeno psíquico. “Objeto imanente” é um termo utilizado particularmente por Brentano para indicar que um objeto é considerado em seu caráter de contraposto ao ato no qual ele aparece (cf. MONTICELLI, 2005, p. 30).

Spiegelberg (1965, pp. 40-1) apontou também a originalidade de Brentano com relação ao uso do termo “*intentio*”, em comparação com Tomás de Aquino. Em sua interpretação, “*intentio*”, como usado na filosofia escolástica, significa a imagem peculiar ou semelhança formada na alma no processo de aquisição do conhecimento, que se conecta ao mundo exterior. Isto remete à teoria da espécie do conhecimento humano, que remonta à teoria da percepção de Aristóteles como a recepção da forma de um objeto sem sua matéria²⁴.

A partir do que foi dito, podemos responder à questão que levantamos anteriormente dizendo que o objeto intencional é imanente à consciência no sentido de que ele possui uma existência modificada e, por isso mesmo, ser imanente não significa que ele seja real na consciência e nem que ele seja real fora dela, mas apenas que ele “é” de alguma forma (intencional) na consciência.

O segundo grupo de expressões refere-se a outro aspecto da definição de fenômeno psíquico de Brentano. Trata-se da direção ou referência para um objeto. Se no primeiro aspecto desta definição vimos que há divergências sobre a interpretação do sentido de intencional e imanente, com relação à segunda não é

23. Esta observação é importante, pois “podemos, assim, notar que o conceito de fenômeno físico não é oriundo do senso comum, mas determinado teoricamente como sendo tudo aquilo que se dá num ato psíquico e que, por sua vez, não é o ato mesmo” (MONTICELLI, 2005, p. 28).

24. O próprio Brentano faz referência expressa a isto: “Já Aristóteles tem falado desta inerência psíquica. No seu livro sobre a alma, ele diz que o que é sentido enquanto sentido encontra-se naquele que sente, o sentido recebe o que é sentido sem sua matéria, o que é pensado encontra-se no entendimento pensante” (PES, I, p. 125).

diferente. Contrastaremos dois autores que parecem divergir quanto à originalidade e interpretação deste ponto.

Spiegelberg (1965, p. 41) afirma que esta segunda caracterização do fenômeno psíquico – referência a um objeto – é a mais importante e a única permanente para Brentano. Spiegelberg está fazendo referência ao abandono da teoria da in-existência intencional na fase que os leitores de Brentano chamam de *reísmo*²⁵. O que Spiegelberg está dizendo é que Brentano abandona a teoria da “in-existência intencional”, mas não abandona a caracterização do fenômeno psíquico como referência a algo e, por isso mesmo, esta é mais importante. Em acréscimo a isto, essa relação a um objeto é algo completamente original de Brentano. Em suas palavras: “tanto quanto eu possa compreender, esta caracterização de Brentano é completamente original, exceto para quaisquer créditos que ele mesmo generosamente estendeu a Aristóteles por seu ‘primeiro germe’ em uma insignificante passagem da *Metafísica*” (1965, p. 41). Assim, a referência a um objeto é a principal característica de qualquer fenômeno psíquico.

Contra-pondo-se à visão de Spiegelberg, De Boer (1978, pp. 8-9) primeiramente concorda com a afirmação de que o segundo aspecto da definição de Brentano é o único permanente e, de certa forma, mais importante, se temos em vista todo o desenvolvimento e fases do pensamento de Brentano. O segundo autor parece discordar da originalidade brentaniana no que diz respeito à referência a um objeto. De acordo com ele, tem-se estabelecido que o termo “intencional” é derivado dos escolásticos, ao passo que sua definição de fenômeno psíquico como relacionalidade a um objeto é algo inteiramente novo, uma descoberta original de Brentano. No entanto, isto soaria estranho devido ao fato de que a palavra “*intentio*” é derivada de “*intendere*” ou “*tendere*”, que significa também algo parecido como “tender para”²⁶. Os escolásticos também utilizavam este termo como referência, mas de uma maneira bem específica. Tomás de Aquino, por exemplo, utiliza-o denotando um ato de vontade. Deve-se distinguir cuidadosamente entre dois usos (ou sentidos) da palavra “*intentio*”: um na ordem *conativa*, que significa “esforçar-se para”, “empenhar-se a”, “impulso” ou “tender a” algo, em suma, um ato de vontade²⁷; e o outro na ordem *cognitiva*, referindo somente o modo específico de ser do objeto possuído na mente.

25. Para saber mais sobre este assunto, cf.: Mario Porta (2002, pp. 111-7) e Jan Woleński (2012, pp. 1-4). *Grosso modo*, o reísmo nega a existência dos “irreais”, ou seja, afirma que o que existe é somente o que pode ser real.

26. A expressão utilizada em De Boer (1978, p. 9) é “*striving after*”, que poderia ser traduzido por “esforçar-se para” ou “empenhar-se a” algo. De acordo com ele, Husserl utiliza o termo em alemão “*Vermeinen*” como tradução do termo latino “*intendere*”. Este termo alemão, um tanto quanto difícil de ser vertido para o português, poderia significar algo como “pretender”.

27. “Pois a noção de intenção está impregnada, já na linguagem corrente, de uma significação principalmente moral. A intenção é o projeto, o esboço interior de uma ação futura e, portanto, um ato de vontade. (...) Para S. Tomás, por exemplo, a intenção é a tendência da vontade para um fim real.

Este é o ponto importante para o que estamos dizendo sobre a originalidade de Brentano, pois, para De Boer (1978, p. 9), Brentano utiliza o termo “*intentio*” enquanto referência a algo, mas como uma propriedade dos atos cognitivos e não conativos, como faz Tomás de Aquino. “Então, a originalidade de Brentano consiste nisto, que ele usa o conceito de ‘*intentio*’ como ‘*tendere in*’ para referir a uma propriedade dos atos cognitivos ou – para usar sua própria terminologia – atos de representação e julgamento” (DE BOER, 1978, p. 9). Também original em Brentano seria a tentativa de estabelecer as fronteiras entre psicologia e ciências naturais, utilizando o velho tema da “*in-existência*” intencional, e ao fazer isso ele colocou este tema em um contexto totalmente novo.

Assim, parece evidente que a “*direção para um objeto*” também foi tomada do Escolasticismo medieval, mas incluindo uma modificação no uso do termo “*intentio*”, tal como destacado acima. Ao tentar distinguir as duas classes de fenômenos, assim como estabelecer as bases de uma psicologia empírica, Brentano retoma e reformula o conceito de intencionalidade já existente nos escolásticos.

Das duas teses que levantamos acima, podemos perceber que a primeira (a saber: que o fenômeno psíquico contém intencionalmente um objeto) aborda o *status* ontológico do objeto, sendo, portanto, uma tese ontológica; enquanto a segunda (a propriedade de referir-se a algo) diz respeito não a um sentido ontológico, mas ao sentido psicológico ou epistemológico da intencionalidade, pois o ato mental possui a propriedade de referir-se (ou relacionar-se) a algo como objeto.

3 A REFERÊNCIA A UM OBJETO

Tendo estabelecido os principais conceitos de Brentano sobre os fenômenos psíquicos, tal como expostos em PES, podemos agora inferir as devidas consequências com relação ao tema da intencionalidade²⁸.

Vimos que, no modo de aparição dos fenômenos psíquicos e dos fenômenos físicos, ou seja, através da percepção interna e externa, há uma referência do ato tanto para algo que é dado como objeto como, também, para o ato em si mesmo, como uma percepção adicional. É esta estrutura que possibilita a psicologia como uma ciência e que possibilita, inclusive, a existência dos fenômenos psíquicos (cf. MONTICELLI, 2005, pp. 39-40).

A intenção quer *ter* a coisa desejada. (...) Compreende-se facilmente que a intencionalidade queira ser concluída numa posse imediata de seu objeto, na *presença* transparente de seu fim.” (MURALT, 1998, pp. 63-4)

28. As expressões que Brentano utiliza são: “referência a um conteúdo ou direção a um objeto” (PES, p. 124), entretanto, a partir das *Investigações lógicas* de Husserl, especialmente a V Investigação, o termo “intencionalidade” passou a ser empregado indicando esta referência do ato de representação ao seu objeto.

Vejam, por outro lado, como funciona a relação entre o ato de representação e o objeto imanente a este ato²⁹. Tomemos como exemplo o “ver uma cor”, que é, por sua vez, um fenômeno psíquico e, portanto, possui em si um objeto imanente (uma cor vista). Há, assim, uma referência (dirigir-se para) a este objeto imanente (a cor vista). Portanto, todo fenômeno psíquico depende ou está relacionado a um objeto imanente (ou “in-existente”). Importante é percebermos que o ato se direciona a este objeto intencional ou imanente, e não às coisas reais existentes fora da mente. Como vimos, Brentano afirma que os fenômenos físicos só existem fenomenalmente, ou seja, não podemos dizer que eles possuem existência além da sua existência intencional, assim, não podemos conhecer nada sobre a natureza absoluta do mundo transcendente. O que existem são forças ou estímulos físicos que causam percepções. Os fenômenos físicos são como signos que indicam que há algo que lhes dá origem (cf. DE BOER, 1978, pp. 40-1; PES, I, p. 28). Colocando de forma mais clara, podemos dividir e resumir, como faz De Boer (1978, pp. 41-2), a questão da seguinte forma. Há três termos: o físico (que é o objeto da física), o fenômeno físico e o ato. Esquemmatizando, teríamos:

I) O ato → II) fenômeno físico ou objeto imanente ← III) Causa oculta
 (Ex. ouvir) (Ex. o som) (Ex. objetos da física)

A seta que aponta para a direita é a seta da intencionalidade: o ato dirige-se para o objeto imanente, que é o fenômeno físico. A intencionalidade não se estende à causa oculta, mas somente ao objeto imanente. A seta que aponta para a esquerda é o estímulo que dá origem ao fenômeno físico e procede do mundo externo.

Para o Escolasticismo, as coisas são diferentes: há uma relação entre o objeto real e o objeto intencional, uma ligação entre a cor existente fora de mente (o que chamamos de causa oculta) e a cor existente na mente (objeto intencional). O objeto intencional funciona como um termo médio entre o objeto real e o conhecedor, isto é, é um meio pelo qual temos acesso ao mundo real fora da mente. Assim, o que nós conhecemos não é o objeto intencional, mas o que ele aponta: o objeto real. Com Brentano esta relação entre o objeto intencional e o objeto real é quebrada: o primeiro (objeto intencional) é o último termo da relação com o ato, como nós vimos no esquema. O que é conhecido é o objeto intencional, e não o objeto real. Assim, o objeto intencional não possui mais a função de mediação (cf. DE BOER, 1978, pp. 47-8; 54-5).

Cabe ressaltar, como lembra De Boer (1978, p. 46), que Brentano não está estabelecendo aqui uma teoria do conhecimento, tendo em vista que esta definição

29. Dario Teixeira (2003) defende a tese de que a intencionalidade em Brentano deve ser compreendida como uma relação; contrapondo posteriormente a concepção husserliana de intencionalidade como adverbial e não relacional, discordaria, portanto, de J. N. Kaufmann (2000, pp. 133-61). Sobre esta polêmica especificamente, ver este último (pp. 135-9).

de fenômeno psíquico, que nós vimos, encontra-se em um dos primeiros dos quatro livros que Brentano tinha como objetivo escrever, mas cujo quarto livro nunca apareceu. Assim, os primeiros livros são apenas preparação (descrição dos fenômenos) para o que viria a ser desenvolvido depois, que seria, portanto, a parte substancial do trabalho. Assim, o Livro II, que contém o tema da intencionalidade, é apenas um capítulo preparatório para desenvolvimentos posteriores, por isso a doutrina da intencionalidade não visa a servir como uma ponte entre a realidade exterior e a interior.

4 O LEGADO DA TESE DA INTENCIONALIDADE DE BRENTANO

Apesar de todas as polêmicas geradas pelas considerações de Brentano em PES, este é considerado um marco na história do conceito de intencionalidade.

Brentano não criou tal conceito, mas resgatou-o ao longo da história da filosofia desde Aristóteles, passando pelos medievais e introduzindo novidades. Elevou o conceito de intencionalidade como uma forma de distinguir entre o que é psicológico e o não psicológico, o pensamento e o não pensamento, o fenômeno psíquico e o fenômeno físico etc. “Ele não somente identifica intencionalidade como a marca distintiva do mental, mas faz da intencionalidade a fundação para uma filosofia científica empírica da mente que de longe supera algo que tinha previamente sido contemplado por Aristóteles e pensadores medievais.” (JACQUETE, 2004, p. 100)

Ainda, de acordo com Jacquete (2004, p. 100), Brentano preparou o terreno para os posteriores desenvolvimentos da psicologia filosófica. Exerceu uma grande influência nas investigações fenomenológicas subsequentes, como as de Carl Stumpf e Edmund Husserl, assim como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. Abriu caminho para a chamada teoria do objeto (*Gegenstandstheorie*) de Alexius Meinong e para seus estudantes e colaboradores, Alois Höfler, Kazimir Twardowski, Ernst Mally e outros. Ainda hoje, as implicações das teorias brentanianas são discutidas, criticadas e reformuladas em vários ramos do conhecimento.

5 CONCLUINDO

Diante do que foi desenvolvido até aqui, podemos estabelecer de maneira sintética as principais teses brentanianas da seguinte maneira:

- 1) Para Brentano, os fenômenos são divididos em:
 - a) Psíquicos – que possuem a caracterização da “in-existência” intencional de um objeto, isto é, contêm um objeto imanente. Os fenômenos psíquicos possuem uma existência real;
 - b) Físicos – são os objetos representados, objetos intencionais. Possuem uma existência intencional.
- 2) Brentano distingue, portanto:
 - a) O ato de representar (representação) – os fenômenos psíquicos;
 - b) O objeto representado – os fenômenos físicos.
- 3) A intencionalidade deve ser compreendida como uma referência do ato a algo que é dado como objeto imanente. Há, também, uma referência do ato a si mesmo, como uma percepção adicional.

Disto resulta que parece haver uma confusão entre o objeto e conteúdo representado. Se olharmos com devida atenção para aquela passagem citada anteriormente, perceberemos que Brentano utiliza o termo objeto como sinônimo de conteúdo. É exatamente neste ponto que Twardowski criticará Brentano em sua obra *Zur Lehre vom Inhalt und Gegenstand der Vorstellungen*.

6 REFERÊNCIAS

BRAIDA, C. R. *Três aberturas em ontologia: Frege, Twardowski e Meinong*. Florianópolis: Rocca Brayde Edições, 2005.

_____. (Org. e Trad.). *Antologia de ontologia: textos selecionados*. Florianópolis: Rocca Brayde, 2011.

BRENTANO, F. *Psychologie vom empirischen Standpunkt*. Leipzig: Duncker & Humblot, 1874.

_____. *Psicologia desde un punto de vista empírico*. Trad. José Gaos. Madrid: Revista de Occidente, 1935.

_____. *Psychologie vom empirischen standpunkt*. Erster Band. Ed. Oskar Kraus. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1973.

_____. *Psychology from an empirical standpoint*. Trad. A. C. Rancurrello, D. B. Terrel e Linda L. McAlister. London/New York: Routledge, 1995.

_____. *Psicologia desde un punto de vista empírico*. Trad. Hernán Scholte. Madrid: Universidade Complutense. Disponível em: <<http://fsmorente.filos.ucm.es/publicaciones/recursos/Brentano.pdf>>, acessado em 18 maio 2014.

CAVALLIN, Jens. *Content and object: Husserl, Twardowski and psychologism*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 1997.

DE BOER, Th. *The development of Husserl's thought*. Trad. Theodore Plantinga. The Hague: Martinus Nijhoff, 1978.

HICKERSON, Ryan. Getting the quasi-picture: Twardowskian representationalism and Husserl's argument against it. *Journal of the History of Philosophy*, v. 43, n. 4, p. 461-80, 2005.

_____. *The history of intentionality: theories of consciousness from Brentano to Husserl*. London/New York: Continuum, 2007.

_____. "Twardowskian and representationalism". *The Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication 200 Years of Analytical Philosophy*, v. 4, p. 1-19, 2009.

HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen 2: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*. Halle: Niemeyer, 1901 (1980).

_____. "Critical discussion of K. Twardowski, Zur Lehre vom Inhalt und Gegenstand der Vorstellungen. Eine psychologische Untersuchung". In: HUSSERL, E. *Early writings in the philosophy of logic and mathematics*. Trad. D. Willard. Dordrecht: Springer Science/Business Media, 1994a.

_____. *Early writings in the philosophy of logic and mathematics*. Trad. D. Willard. Dordrecht: Springer Science/Business Media, 1994b.

_____. "Intentional Objects". In: HUSSERL, E. *Early writings in the philosophy of logic and mathematics*. Trad. D. Willard. Dordrecht: Springer Science/Business Media, 1994c.

JACQUETTE, D. "Brentano's concept of intentionality". In: JACQUETTE, D. (Ed.) *The Cambridge Companions to Brentano*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004a.

_____. (Ed.) *The Cambridge Companions to Brentano*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004b.

KAUFMANN, J. N. Brentano, Twardowski, Husserl: esboço de uma teoria fenomenológica do conteúdo. *Manuscrito*, Ed. Unicamp, n. XXIII(2), p. 133-61, 2000.

MONTICELLI, P. *Sobre a relação essencial da estrutura ontológica dos fenômenos psíquicos com a estrutura epistemológica da psicologia em Franz Brentano na Psicologia do ponto de vista empírico*. 2005. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

_____. *A relação ao objeto: um estudo a partir do pensamento de Francisco Suárez*. 2010. Tese (doutorado) apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

MURALT, A. *A metafísica do fenômeno: as origens medievais e a elaboração do pensamento fenomenológico*. Trad. P. Martins. São Paulo: Ed. 34, 1998.

PORTA, M. A. G. Franz Brentano: equivocidad del ser y objeto intencional. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 105, p. 97-118, 2002.

_____. A polêmica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger. *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 31, n. 99, p. 107-31, 2004.

_____. Un analisis del opúsculo de Kasimir Twardowski “Inhalt und Gegenstand” en la perspectiva de su significación para la escuela de Brentano. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 34, n. 109, p. 261-82, 2007.

_____. Psicologismo trascendental y psicología fenomenológica. *Natureza Humana*, n. 12(1), p. 197-228, 2010.

_____. “Da crítica ao psicologismo à crítica da psicologia”. In: TOURINHO, C. D. C. (Org.). *Temas em fenomenologia*. Rio de Janeiro: Booklink, 2012, pp. 48-75.

_____. (Org.) *Brentano e a sua escola*. São Paulo: Loyola, 2014 (Leituras Filosóficas).

SMITH, B. *Austrian Philosophy: the legacy of Franz Brentano*. Chicago and LaSalle: Illinois, 1994.

SPIEGERBERG, H. *The phenomenological movement: a historical introduction*. 2. ed. Netherlands: Martinus Nijhoff/The Hague, 1965.

TEIXEIRA, D. Intencionalidade no horizonte da fenomenologia. De Brentano às *Logische Untersuchungen* de E. Husserl. *Ethica*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1/2, p. 39-82, 2003.

_____. “Abschied vom Immanenten Objekt” (Concepções de intencionalidade na escola de Brentano). In: PORTA, M. A. G. (Org.) *Brentano e a sua escola*. São Paulo: Loyola, 2014, (Leituras Filosóficas).

TWARDOWSKI, K. *Zur Lehre vom Inhalt und Gegenstand der Vorstellungen: eine psychologische Untersuchung*. München/Wien: Philosophia Verlag GmbH, 1894 (1982).

_____. *On the content and object of presentation: a psychological investigation*. Trad. R. Grossmann. The Hague: Martinus Nijhoff, 1977.

_____. “Para a doutrina do conteúdo e do objeto das *representações*”. In: BRAIDA, C. R. (Org. e Trad.) *Antologia de ontologia: textos selecionados*. Org. e Trad. C. R. Baida. Florianópolis: Rocca Brayde, 2011.

WOLEŃSKI, J. *Twardowski and the distinction between content and object*. In: BAUMGARTNER, W.; KRAUS, A. (Org.). *Brentano studien: Internationales Jahrbuch der Franz Brentano Forschung*. Würzburg, v. 8, p. 15-35, 1998.

_____. “Reism”. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford: Editorial Board 2012. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/reism/>>, acessado em 10 maio 2014.